

Prevenção da infecção neonatal por Estreptococo do Grupo B em uma maternidade de São Paulo

**Caroline Ataide Mendelski¹, Maria Alice Tsunechiro², Débora Silva de Mello²,
Maria Clara Padoveze²**

¹Bolsista PIC/PRP/USP, Escola de Enfermagem, USP, SP

²Escola de Enfermagem, USP, SP

1. Objetivos

1. Verificar o registro da realização da cultura do estreptococo do grupo B (EGB) no cartão de pré-natal; 2. Verificar a compreensão da mulher sobre a realização da cultura do EGB; 3. Verificar a associação de ocorrência de colonização por EGB em gestantes com as variáveis sociodemográficas e obstétricas; 4. Verificar os desfechos neonatais das mulheres positivas para o EGB. A infecção neonatal por EGB tem sido considerada uma das principais causas de óbitos ocorridos no período neonatal. A triagem pré-natal de rotina para colonização por EGB para todas as gestantes no terceiro trimestre foi incluída como um dos exames de pré-natal em 2009, no Município de São Paulo - Portaria 1149/2209-SMS.G [1]. Estudos nacionais encontraram prevalência de colonização pelo EGB entre 14,9% e 21,6% [2].

2. Material e método

Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal sobre a realização da cultura para pesquisa do EGB no pré-natal. Foi realizado no Hospital Amparo Maternal na cidade de São Paulo, cujo atendimento é realizado exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A coleta de dados foi feita entre 12 de dezembro de 2010 e 2 de fevereiro de 2011. Amostra de conveniência composta por 391 mulheres que apresentaram na internação para o parto, o cartão de pré-natal com acompanhamento da gestação realizado na cidade de São Paulo, e que estavam com idade gestacional ≥36 semanas. O projeto foi aprovado por Comitê de Ética – nº 978/2010 CEP – EEUSP. Os dados foram obtidos por meio da consulta ao prontuário, cartão de pré-natal e entrevista com a puérpera. Utilizou-se o teste do Qui Quadrado de Pearson para verificar as associações entre as variáveis e os resultados da cultura do EGB.

3. Resultados

O registro da realização e/ou do resultado da cultura do EGB constava em 48,6% dos cartões de pré-natal, enquanto que 51,4%, não. Nos cartões que tinha o registro do exame observou-se colonização positiva em 27,4% e negativa em 72,6%. Quanto à compreensão da mulher sobre o exame, 38,1% citaram a detecção da bactéria, 24,0% falaram do rastreamento da bactéria para proteção do recém-nascido e 43,2% não souberam responder. Não houve associação de colonização por EGB com as variáveis sociodemográficas e obstétricas. Não foram observados desfechos infecciosos no recém-nascido de mães colonizadas.

4. Conclusão

Chama a atenção, a proporção de mais da metade (51,4%) de mulheres sem resultado e/ou da realização da cultura do EGB, bem como a alta prevalência de colonização positiva (27,4%) na amostra de acesso de registro no cartão. Esses achados indicam a necessidade de estudos para dimensionar a real situação dos serviços de saúde e da clientela que não realizou ou não recebeu o resultado entre outros fatores, para que o exame não seja mais uma recomendação governamental sem impacto na redução da morbidade e mortalidade neonatal.

5. Referências

- [1] São Paulo. Prefeitura Municipal de Saúde. Portaria 1149/2009-SMS.G de 03/07/2009. Institui as normas para a prevenção da infecção neonatal por estreptococo beta hemolítico de grupo B. DO cidade de São Paulo, páginas 18-19.
- [2] Amaral E. Estreptococo do grupo B: rastrear ou não rastrear no Brasil? Eis a questão. [Editorial]. Rev Bras Ginecol Obstet. 2005; 27(4): 165-167.